



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Literatura de musseque e rap angolano: espaço literário em perspectiva na letra e na voz
Autor	BRUNA BORGES DE ALMEIDA
Orientador	ANA LUCIA LIBERATO TETTAMANZY

Literatura de musseque e rap angolano: espaço literário em perspectiva na letra e na voz

Bruna Borges de Almeida – BIC MULTI/UFRGS
Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Este trabalho parte de estudos sobre o colonialismo que o abordam como um processo histórico inserido no projeto epistemológico da Modernidade europeia (Mignolo, 2003), que instituiu hierarquias de poder em escala global entre as nações “descobridoras” e os territórios “descobertos”. Tais estruturas de poder se mantêm na atualidade, embora o processo de dominação política e administrativa do colonialismo tenha dado lugar às independências dos territórios colonizados e a formações de estados-nação no chamado terceiro mundo, o que faz permanecer uma condição de colonialidade, segundo Aníbal Quijano (2000). A partir do reconhecimento de que o colonialismo construiu discursos (e esses discursos ainda se constroem na condição da colonialidade) que o legitimassem tanto nas ciências como nas artes, este estudo busca compreender como se manifestam discursos anticoloniais literários na periferia do colonialismo português tomando o contexto angolano como foco. Desse modo, importa observar como essa dinâmica entre colonialismo e colonialidade se manifesta e o que determina sobre a produção cultural angolana que trata dos musseques, bairros periféricos das grandes cidades como Luanda. O escopo de análise é formado por obras dos escritores angolanos Jofre Rocha, Luandino Vieira e João Melo, e pelo rap nacional, a fim de observar a abordagem dos musseques ao longo do tempo. A perspectiva teórica adotada é interdisciplinar e centra-se no espaço como categoria conceitual a ser observada como representação e focalização (conforme Brandão, 2013). Isto significa analisar a representação da periferia urbana, espaço físico real, e os efeitos que o espaço físico/social onde os escritores estão inseridos provocam sobre a forma como esses escritores manejam a linguagem de suas criações estéticas e constituem sua autoria, consolidando uma perspectiva de narração. As análises empreendidas até o momento permitem afirmar que os musseques são representados como espaço físico e simbólico de resistência ao colonialismo, uma vez que tensionam suas estruturas de poder. Por sua natureza multirracial e intercultural, onde se encontram a cultura ocidental do colonizador e as culturas locais, o espaço do musseque configura uma “zona de contato” (Pratt, 1999) que engendra discursos inseridos em epistemologias distintas, conforme o *locus* de enunciação.